



## Um museu para todos!



### Horário

Museu de Angra do Heroísmo  
(Edifício de São Francisco | Sede)  
&  
Núcleo de História Militar  
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de verão  
1 de abril até 30 de setembro

Terça-feira a domingo e feriados  
10h00 às 17h30

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte  
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira  
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado  
17h00-20h00

Encerramento aos domingos  
e segundas-feiras

### Preçário

Museu de Angra do Heroísmo  
(Edifício de São Francisco | Sede)  
&  
Núcleo de História Militar  
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos  
Reformados  
Idade igual ou superior aos 65 anos  
Docentes  
Cartão Jovem Municipal  
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos  
Visitas de estudo  
Domingos **Entrada Grátis**

Carmina | Galeria de Arte  
Contemporânea Dimas Simas Lopes

**Entrada Grátis**

### Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo  
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeira de São Francisco,  
9700-181 Angra do Heroísmo  
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297  
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar  
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,  
9700-031 Angra do Heroísmo  
+351 295 218 383

Latitude 38.653773  
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte  
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande  
9700-353 Angra do Heroísmo  
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237  
Longitude -27.1605434

Siga-nos  
nas nossas  
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt

English Version



## Domingos com Música

4 e 18 de setembro, 11h00 Igreja de Nossa Senhora da Guia

Concertos no órgão histórico construído por **António Xavier Machado e Cerveira** em 1788

Organista **Gustaaf van Manen**

Regime de livre acesso



04

## Venham mais 5!

8 de setembro, 13h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Visita Temática à Hora de Almoço

Orientação **Luis Herberto**, artista plástico  
Público alvo **10 adultos**

Inscrição prévia através do e-mail [museu.angra.agenda@azores.gov.pt](mailto:museu.angra.agenda@azores.gov.pt) ou do telefone 295 240 800

Almoço na Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes, a partir das 12h00

Refeições asseguradas pela empresa **Health2Go** mediante reserva prévia, no momento da inscrição (custo 12,50€)



08

## Arquivo Memória

9 de setembro, 18h00 Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Conferência aberta destinada a apresentar o projeto Arquivo Memória

Regime de livre acesso



09



## O que faz falta... Uma conversa com a malta!

9 de setembro, 21h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Encerramento da exposição **O que faz falta... É malhar na malta!**

Conversa aberta entre artistas convidados e o autor da exposição



09

## Brincar aos Artistas

10 de setembro, 14h00 Serviço Educativo do MAH

Ateliê de técnicas alternativas de pintura

Público alvo **10 crianças** a partir dos 5 anos

Inscrição prévia através do e-mail [museu.angra.agenda@azores.gov.pt](mailto:museu.angra.agenda@azores.gov.pt) ou do telefone 295 240 800



10

## Se Eu Não Posso tocar, Posso Ver?

17 de setembro, 15h00 Sala Dacosta

Inauguração da exposição de Carolina Rocha

**SE EU  
NÃO POSSO  
TOCAR,  
POSSO VER?**

exposição de  
**Carolina Rocha**

Inauguração  
**17 de setembro, 15h00. Sala Dacosta**



17



## Canasta vai ao Museu

17 de setembro, 14h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Visita orientada e torneio de canasta

Organização:



17

## Prémio AFAA (Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores)

23 de setembro, 21h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Inauguração de exposição



23

## Do Povo Para o Povo Trovar o Povo

25 de setembro, 21h00 Claustro do Edifício de São Francisco

Jorge Luis Castro, voz e adufe  
João Francisco Távora, flauta de bisel

Concerto no claustro do Edifício de São Francisco

Regime de livre acesso



25

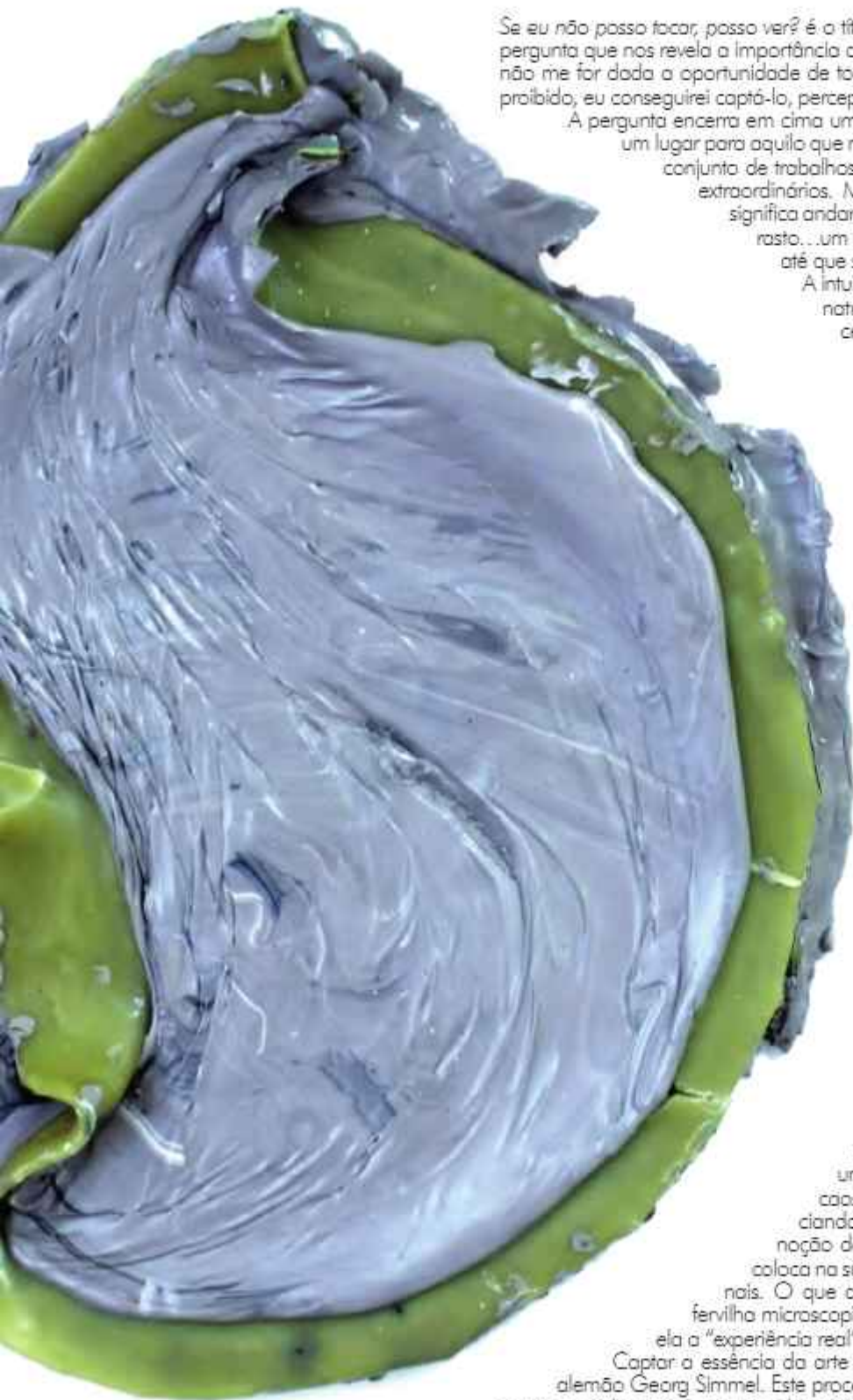




## Se Eu Não Posso Tocar, Posso Ver?

17 de setembro a 20 de novembro, Sala Dacosta

Inauguração de exposição de **Carolina Rocha**



*Se eu não posso tocar, posso ver?* é o título que Carolina Rocha atribui à sua exposição. Uma pergunta que nos revela a importância que a artista dá ao toque. Pensemos. Se eventualmente não me for dada a oportunidade de tocar o objeto que tenho à minha frente, se isso me for proibido; eu conseguirei captá-lo, percebê-lo... dar conta que ele está ali?

A pergunta encerra em cima um poder irónico. Há de facto, no trabalho da Carolina, um lugar para aquilo que não se vê, mas "está lá", digamos que ela procura neste conjunto de trabalhos impressionar o espectador através de procedimentos extraordinários. Mas fá-lo, como *Akróbatos* (acrobata), que em latim significa andar na ponta dos pés. É discreta, pouco ruidosa, mas deixa rasto... um rasto que importa seguir tal como a artista deixa seguir, até que seque, a cera de abelha nos seus moldes-contentores.

A intuição é o crivo nesta espécie de bailado entre a matéria natural e a matéria artificial (o pigmento que coloca na cera) e nas quatro fotos macro que são uma espécie de radiografia aos desenhos que produz. É ela que vai dar conta da realidade movente que se apresenta diante da artista. Uma forma humana de pensamento que faz voltar a consciência para a duração interior de cada indivíduo.

A arte é esta experimentação ou expressão da realidade singular. É o fluxo da duração que constitui a realidade mais íntima de todas as coisas. O artista não pretende representar as formas sensíveis, mesmo que por vezes assim o pareça. Carolina arranja meios e técnicas para expressar as singularidades e conduzir o espectador a também experimentar essas singularidades. De certa forma, esta exposição trata daquilo que nos podemos abstrair, ou seja daquilo que separa, retira, subtrai. O mundo das concordâncias e dos reconhecimentos não a apela. Direciona-se para o acidente, aquilo que aconteceu, mas podia não ter acontecido, um acidente controlado, que não se deixa ferir de morte. A obra não morre neste acidente, pelo contrário, o acidente é a causa das suas obras entrarem em processo e viverem. Este acidente que acontece é resultado da descarga de caos no meio que a artista utiliza. Uma catástrofe-germe de ritmo, princípio da intensidade, da sensação na obra. É potência/dinamismo: caminho para a essência. A arte luta com o caos, para torná-lo sensível e a artista capta um pedaço de caos, tanto num molde-contentor, como numa foto trémula tirada a um desenho. O corrimão da cera de abelha no molde e a mão tremula, o pequeno desvio dado a uma fotografia tirada a um desenho, é o seu caos-germe. É algo que a artista vai direccionando, distanciando-se ao mesmo tempo do ensinado, domesticado. A noção de caos-germe quer dizer que existe algo que a artista coloca na sua obra para começar a produzir linhas, que são germinais. O que a artista visa são as diferenças mínimas, o caos que ferve microscopicamente sob as grandes unidades visíveis, esta é para ela a "experiência real".

Captar a essência da arte é descrever as fases do processo, defendia o filósofo alemão Georg Simmel. Este processo elaborado por Carolina é genético, é dele que se capta o modo como a gênese desponta na obra em estado nascente e é dele que depois se vislumbra o amadurecimento da obra finalizada.

Pedro Arrifano





## Prémio Fotográfico AFAA

23 de setembro a 4 de fevereiro, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Inauguração da exposição da AFAA (Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores)



O 'Prémio Fotográfico AFAA', criado em 2020 e promovido pela AFAA, Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores, exclusivamente para os seus associados, é um concurso fotográfico de carácter bianual, que tem por objetivos fomentar o desenvolvimento de projetos fotográficos e dar asas à criatividade dos seus associados, que puderam concorrer ao mesmo com um tema livre, nas categorias de Geral (Câmaras Fotográficas) e Smart (smartphones).

A exposição, patente na Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes, de 23 de setembro de 2022 a janeiro de 2023, é composta por 12 trabalhos de 3 fotografias cada, todos da categoria Geral, selecionados por um júri constituído pelos conceituados fotógrafos: António Luís Campos, Pepe Brix e Eduardo Leal.



Fotografias por Paulo Rodrigues Jorge



## Azuis da Atlântida

Até 16 de outubro, Sala do Capitulo

Exposição de pintura de **Carlota Monjardino**

«[...] havia uma ilha diante da passagem a que vós chamais os Pilares de Hércules, que era maior do que a Líbia e a Ásia juntas, [...] e a própria ilha de Atlântida se afundou no mar e desapareceu.»

Platão, *Timeu*, 24e/25d  
(trad. M. J. Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. pp. 61-62)



Atlântida desapareceu no mar, mas emerge nestas obras que refletem essas ondas e profundezas de outros tempos. As telas de Carlota Monjardino mergulham nesta Atlântida perdida e trazem ao nosso olhar os estados do Mar – deste mar que nos rodeia, o oceano Atlântico –, os seus místicos, brumosos e tempestuosos céus, que nos atingem a cada momento e nos obrigam a estar em constante atenção, como se cada um de nós fosse uma navegação em mar alto, sujeito ao baile das ondas... A espaço, somos confrontados com a terra destas ilhas: uma lagoa misteriosa e lendária, uma encosta incerta, indefinida e nublada, hortênsias que pontuam a paisagem, rochas que suportam a força das ondas e o branco da espuma... Todos existem numa complexa harmonia natural, não mais simples quando na tela, onde as variedades de texturas evidenciam a constante tensão entre elementos.

De uma relação conflituosa entre terra e água, nasce esta exposição que procura os vários tons de azul de um mundo arquipelágico, que vive também dos verdes... Não há como não reconhecer uma persistente busca pelo Sublime nestas brumas e neste infinito.

O nosso olhar é cativado pela incerteza e indefinição, mais cativadoras do que o figurativo: há na adivinhação um fascínio, que é simplesmente superior e belo.

Carlos Mesquita Severino  
CEC-FLUL





### O que faz falta... É malhar na malta

Pintura de Luís Herberito

Até 10 de setembro, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes



Luís Herberito, pintor nascido na Ilha Terceira, em Angra do Heroísmo, em 1966, explora na sua obra questões de género, sexualidade, provocação e arte. Nesta sequência de pinturas de grande formato, cujo título evoca a célebre canção de intervenção de Zeca Afonso *O que faz falta!*, apresenta, numa linguagem declaradamente gráfica, muito próxima da dos murais, imagens da atuação de forças policiais e paramilitares, em manifestações várias, sobretudo quando estão em causa atrapelos claros à dignidade social e aos mais elementares direitos da nossa existência social e democrática.

### Prazer do Espírito e do Olhar

Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago

Até 11 de setembro, Sala Dacosta



Esta exposição itinerante, produzida pelo Arquipélago | Centro de Arte Contemporânea, explora afinidades que relacionam distintos objetos de Arte Contemporânea, procurando um sentido bem circunscrito, que identifica e dá coerência à própria coleção, e, ao mesmo tempo se associa à identidade do Arquipélago açoriano. Deste modo, a seleção de obras apresenta o trabalho de vários artistas nacionais, tendo como fio condutor do discurso expositivo os temas da Paisagem e da Viagem.

Pensando nas diferenças de escala e particularidades identitárias de cada ilha, foram selecionadas exatamente nove obras, com diferentes escalas e singularidades, que ainda que representem a arte portuguesa contemporânea, têm pronúncias distintas, resultantes de diferentes formas de estar e de pensar a Arte, mesmo que próximas e unidas sob um conjunto de pontos de contacto a partir dos quais se constrói a narrativa expositiva.





## Modelo Mr. Gross Mouth™ e frasco com tabaco de mascar

Edifício de São Francisco | Memórias

8 de agosto a 4 de setembro

Este modelo pertencente à Unidade de Gestão de Ciência e Tecnologia do Museu de Angra do Heroísmo, cujo nome em português pode ser traduzido para "Sr. Boca Nojenta", foi produzido pela Health Edco®, de forma a ilustrar os perigos e falta de higiene associadas aos atos de mascar e inalar tabaco. Representa uma boca, com a respetiva dentição e língua, incluindo também um frasco com tabaco de mascar.

Para além de identificar e de localizar as patologias associadas ao consumo de tabaco de mascar, este modelo permite uma interação que visa dissuadir esse hábito de uma forma muito direta e pedagógica, sendo usado em campanhas de prevenção e de sensibilização na área da saúde.

Como é explicado nas instruções, após uma lavagem inicial do modelo, há que inserir uma porção de tabaco no interior da boca. Esta inserção, seguida da manipulação da língua para cima e para baixo com a ajuda de uma espátula, origina uma cuspidela, que pode tornar-se ainda mais exemplificativa e repugnante se ao tabaco se acrescentar água para simular saliva.



## Medalha de Quebranto

Edifício de São Francisco | Memórias

5 de setembro a 2 de outubro

Quebranto é um conceito geralmente definido como um estado mórbido atribuído pela crença popular ao mau-olhado. Envolve abatimento, enfraquecimento, prostração e morbidez e considerava-se que podia chegar a provocar efeitos graves na saúde física e mental da pessoa atingida.

Neste sentido, uma medalha de quebranto é, antes de mais, um símbolo de proteção, no âmbito de um sistema mágico-religioso.

Esta peça, integrada na Unidade de Gestão de Memorabilia, Coleccionismo e Miniaturas, do Museu de Angra do Heroísmo, é uma medalha em liga metálica, de cor amarela-esverdeada, com diversas gravações e símbolos esotéricos em ambas as faces. Numa das faces, as gravações remetem para símbolos ligados ao antigo Egito. A medalha é acompanhada por um texto datilografado que pretende explicar a crença subjacente.

Segundo a crença popular, esta medalha tinha a virtude de, quando colocada ao pescoço das crianças recém-nascidas, impedir que as "feiticeiras" lhe viessem chupar o sangue (sic), transformadas em aranhas que desciam sobre o berço do bebé através de teias, num período de oito dias após o nascimento. Após este prazo, a criança ficaria a salvo.

Tratava-se de um objeto raro e de muita procura, que as mães pediam emprestado a quem o possuía. Acreditava-se que, sem esta proteção, os bebés teriam, inevitavelmente, o seu sangue chupado, correndo então grave perigo, inclusivamente, de morte.





## As Moedas Bíblicas e do Próximo Oriente

A doação da coleção do professor Luís Filipe Thomaz | 3.ª Parte

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico, até 25 de setembro



Depois de Nove séculos de amoeção portuguesa, a que se seguiu Numária da China e das suas dependências culturais, é apresentada uma mostra subordinada ao tema Moedas Bíblicas e do Próximo Oriente. A mesma compreende moedas cunhadas pelos vários poderes que sucessivamente dominaram a Palestina, a começar no Império Persa, moedas dos reinos helenísticos dos Lágidas e dos Selêucidas e moedas cunhadas localmente pelas dinastias judaicas dos Hasmoneus (140-37 A. C.) e dos Herodianos que, sob protetorado romano, reinaram de 47 A. C. até à morte de Herodes Agripa II no ano 100 da nossa era. Integram o mesmo núcleo cunhagens feitas em nome dos imperadores romanos pelos Procuradores da Judeia, com Pôncio Pilatos, Párcio Festo, etc., e por diversas municipalidades da zona. De destacar, as cunhagens judaicas, ostensivamente antirromanas, feitas durante as revoltas de 66-70 (que conduziria à ocupação de Jerusalém e à destruição do Templo) e de 132-135 (revolta de Bar Kokhba). Um outro núcleo é constituído por cunhagens dos imperadores bizantinos, da divisão do Império Romano em dois, à morte de Teodósio em 395 e à queda de Constantinopla em poder dos turcos em 1453. Há ainda a considerar um terceiro, constituído por numismas do reino arménio da Cilícia (1198-1375) e um quarto por cunhagens do reino etíope de Axum (c. 270-631) — o único território africano a dispor de moeda própria antes dos portugueses começarem, na época da Restauração, a cunhar moedas para Angola. Completam a mostra uma série de cunhagens muçulmanas da Idade Média, copiadas de numismas bizantinos, e a sua contrapartida cristã: moedas da Península Ibérica, da Sicília, da Península Balcânica e até do grão-ducado de Moscovo, inspiradas em modelos muçulmanos. Estes curiosos tipos híbridos ilustram o que poderia ser o leitmotif da coleção: "a moeda através das culturas, a História através das moedas".





## A Aviação e a Batalha do Atlântico

### Uma Perspetiva à Escala

*Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico*  
Até setembro de 2022

José Pedro Pires é um jovem enfermeiro tercelrense que desenvolveu uma forte paixão pelo aeromodelismo e pela investigação histórica que lhe está associada. Nos últimos anos, montou largas dezenas de modelos de aviões, com grande rigor e impressionante detalhe, em colaboração com a prestigiada revista britânica *Airfix Model World*, líder do sector. Recentemente, decidiu doar alguns modelos ao MAH, tendo seleccionado para mostra precisamente o *Short Sunderland MK.III*, modelo de uma aeronave britânica, que se distinguiu na II Guerra Mundial, no combate à ameaça dos submarinos alemães.



## Artes de Guerra

### Mostra de um Frasco de Pólvora Fina

Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima  
Até setembro de 2022



As barricas de madeira, embora tivessem sido usadas, até aos meados do século XIX, para guardar a pólvora de artilharia, geralmente de granulagem mais grossa, apresentavam vários problemas. A madeira era porosa e facilmente absorvia humidade, sobretudo quando transportada a bordo, degradando a pólvora. Este problema era particularmente notório no caso da pólvora fina, usada nos ouvidos das bocas de fogo, que era inflamada pelo artilheiro e produzia a inflamação da pólvora dentro dos canos dos canhões. Na Carreira das Índias, uma das soluções para guardar esta pólvora fina, da qual dependia a boa ignição das bocas de fogo, era o uso de frascos de cerâmica, de pequenas dimensões, mais eficazes do que os pequenos barris em madeira.

Eram reforçados com guarnições e tampas de ferro e suspensos por um gancho, de modo a que não rolassem com o balanço do navio nem pousassem em zonas molhadas, podendo ainda receber revestimentos em sisal ou couro entrançado para não entrecrocarem entre si. Este exemplar, em cerâmica grossa, feldspática, próxima do grés, cozida em alto-fogo (+1200°C), pela sua forma de ombro pronunciado e fundo côncavo é identificável com a produção chinesa da província de Guangdong. Está guarnecido com as estruturas de reforço, tampa e gancho de suspensão em ferro, com decorações simples em latão, características da região de Kerala, no Sul da Costa do Malabar, na Índia. Estes frascos de pólvora têm sido encontrados, muitas vezes já sem os reforços de ferro, em despojos de alguns naufrágios reconhecidamente da Carreira das Índias, sendo o seu uso datável entre os séculos XVI e XVIII.





## Cachimbo Africano

Direção Regional dos Assuntos Culturais  
/ Palacete Silveira Paulo  
Até 14 de novembro de 2022.



Esta peça do acervo do MAH tem a sua origem no povo Chócue da etnia Bantu, tendo sido recolhido na região do planalto central de Angola, durante a Grande Guerra (1914-18) e, com um largo número de outros objetos africanos, oferecido à Junta Geral do antigo Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, pelo Dr. Joaquim Corte-Real e Amaral. Na pitela, destacam-se três figuras d' "O Pensador" (Samanhonga), representando anciãos ou anciãs. A figura tutelar é aquela que, com os braços estendidos e as mãos sobre o cesto de divinação (Ngomba), invoca e ausculta o espírito dos antepassados. As outras duas figuras, também sentadas, numa pose introspetiva e em frente uma da outra, parecem aguardar as revelações do divinador.

## Madame du Barry

Aerogare Civil das Lajes  
Até setembro de 2022

Nascida como Marie-Jeanne Bécu (1743-1793), tornou-se Condessa du Barry (ou Bary) por casamento e foi uma das amantes oficiais do Rei Luís XV de França. Filha ilegítima de uma costureira e de pai desconhecido, os seus estudos foram custeados por Monsieur Billiard-Dumanceaux, amante da mãe. Mulher de grande beleza, inteligente e requintada, acabou por se tornar uma cortesã de luxo sob a alçada do conde Jean Baptiste du Barry, estabelecendo, assim, contactos com a aristocracia. Depois da morte da Madame de Pompadour, a favorita de Luís XV, o duque de Richelieu apresentou-a ao rei e, de forma a viabilizar a sua condição de concubino real, o seu amante, Jean Baptiste du Barry, conseguiu-lhe um título nobilitário, casando-a com o Conde Guillaume du Barry, seu irmão. Manteve o seu poder até à morte de Luís XV, sendo depois afastada da corte e enviada para um convento, do qual se evadiu, voltando à vida cortesã. Acusada de traição durante o Grande Terror, foi aprisionada pelas tropas revolucionárias e morreu decapitada, em 1793. A sua figura inspirou vários artistas, nomeadamente Augustin Pajou (1730-1809), escultor neoclássico francês, autor deste busto em bronze pertencente à Unidade de Gestão de Belas-Artes do Museu de Angra do Heroísmo, que o notabilizou como um exímio retratista da figura feminina. Ainda hoje é possível admirar bustos de Madame du Barry da sua autoria em alguns dos mais importantes museus do mundo.



## Exposições Itinerantes

### Breviário Açoriano

Pintura de Dimas Simas Lopes

Até 25 de setembro de 2022,

Casa Manuel de Arriaga



# Breviário Açoriano

Exposição de Pintura  
Dimas Simas Lopes

09 de julho a 25 de setembro  
Casa Manuel de Arriaga



### Retratos de Meros

Ilustração Científica por João Pedro Barreiros

Até 30 de setembro de 2022

Museu das Flores



### O Voo do Açor

Até setembro de 2022

Aerogare Civil das Lajes



Museu de  
Angra do Heroísmo

Agenda  
setembro 2022

### Brincar aos Artistas



Visita à exposição *Se eu não posso tocar, posso ver?* seguida de ateliê de expressão plástica, em que se experimentam diversas técnicas alternativas de pintura.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

### Pintar para Fazer Ver



Nesta visita orientada à exposição *O que faz falta... É Malhar na Malta*, contextualizam-se as cenas representadas, referindo os traços estilísticos e intenção interventiva do artista.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

### O Voo da Jangada



Nesta visita à exposição *Prazer do Espírito e do Olhar | Paisagem e Viagem em Arte Portuguesa da Coleção Arquipélago*, embarcamos na jangada azul de Pedro Valdez Cardoso, em busca do Cupido que Luísa Jacinto fez desaparecer, numa viagem que, pista a pista, nos faz percorrer a diferentes obras potentes na Sala Dacosta.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária.

### Jogos para Degustar



Animados, enérgicos e desafiantes, estes jogos de inspiração tradicional, promovidos pelo Serviço Educativo do MAH contam o surpreendente percurso de alguns alimentos e bebidas que deram a volta ao mundo e que são resultado de uma curiosa e insuspeita miscigenação cultural.

Público: adaptável em função da faixa etária.

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail [museu.angra.agenda@azores.gov.pt](mailto:museu.angra.agenda@azores.gov.pt).



## Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Quarta a domingo

10H00 - 12H00 e 14H30 - 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Frequência limitada a 20 pessoas por grupo

Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail **[museu.angra.info@azores.gov.pt](mailto:museu.angra.info@azores.gov.pt)**

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



### Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



#### 1º Momento



#### 2º Momento



#### 3º Momento



#### 4º Momento





### Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

### Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

### Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e filmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

### Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

### Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas Ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

### E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.



### Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.



O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



### Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tomando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



### Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a génese da ação pública regional nesta área.



### O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de companhia trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma das Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

